

PRISCILA GRANER SILVA PINTO



1290000027



TCC/UNICAMP P658m

1998

**MUSICALIZAÇÃO ESCOLAR:
VIVENCIANDO A MÚSICA ERUDITA**

CAMPINAS - 1998

UNICAMP - FE BIBLIOTECA

PRISCILA GRANER SILVA PINTO

**MUSICALIZAÇÃO ESCOLAR:
VIVENCIANDO A MÚSICA ERUDITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia
com habilitação em Administração Escolar da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
Orientação do Prof ° Ezequiel Theodoro da Silva

Campinas, SP

1998

UNIDADE: F.F.
Nº CHAMADA: YCC/UNICAMP
P658m
V:.....EX:.....
TOMBO: 27
PROC.: 124/2003
C:.....D: X
PREÇO: R\$ 11,00
DATA: 29.10.03
Nº CPD: 30489

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

P658m Pinto, Priscila Graner Silva.
 Musicalização escolar : vivenciando a música erudita /
 Priscila Graner Silva Pinto. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Ezequiel Theodoro da Silva.
 Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
 de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação musical. 2. Música erudita. 3.
 Musicalização*. 4. Vivência musical*. I. Silva, Ezequiel
 Theodoro da. II. Universidade Estadual de Campinas.
 Faculdade de Educação. III. Título.

Aprovação

Prof ° Dr° Ezequiel Theodoro da Silva

Prof ª Drª Afira Vianna Ripper

|
|

Para

Claudio e Marilena,

meus pais.

|
|

Agradeço

- ao Professor Ezequiel, pela orientação séria e dedicada;
- à Professora Afira, pela leitura dedicada do meu Trabalho;
- aos meus pais, pelo amor, apoio, e excelentes condições sempre oferecidas à mim;
- às minhas irmãs, que alegraram-se com a realização do curso e também deste trabalho;
- ao Maurício, meu namorado, pelo carinho, paciência, e pelas reflexões que me ajudaram na elaboração do presente trabalho;
- às amigas e amigos pela amizade e pelo incentivo naquelas horas que parecem tão difíceis durante a produção do trabalho;
- à Luciana, pela amizade, companheirismo nos momentos alegres e também difíceis no decorrer e finalização deste curso;
- aos professores entrevistados que gentilmente se dispuseram a colaborar relatando suas experiências na área;
- à Lucelena, professora de piano, pela compreensão de algumas aulas não estudadas, para que este trabalho não fosse prejudicado pelo pouco tempo;
- e acima de tudo, ao meu Deus Altíssimo, por estar comigo sempre e me abençoar para que este trabalho e tantas outras coisas pudessem ser realizadas em minha vida.

“Tão grande é a correspondência entre a música e a nossa alma que muitos, procurando cuidadosamente a essência desta, ajuizaram-se que ela está repleta de acordes harmoniosos – pura harmonia, na verdade. Toda a Natureza, a bem dizer, não é outra coisa senão uma perfeita música, que o Criador faz ressoar nos ouvidos do entendimento do homem, a fim de dar a ele prazer e atraí-lo docemente para Si”

Ian Sweelinck

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1	
Breve Histórico.....	13
CAPÍTULO 2	
2.1 A influência da música para o desenvolvimento infantil.....	19
2.2 A importância do aprendizado musical na escola.....	21
CAPÍTULO 3	
3.1 Democratização da cultura – A música erudita em destaque.....	24
3.2 Educação Musical e Musicalização.....	28
3.3 Por que a música erudita?.....	29
3.4 Entrevistas	
3.4.1 objetivos.....	31
3.4.2 metodologia.....	32
3.4.3 sujeitos da pesquisa.....	33
3.4.4 apresentação das anotações das entrevistas.....	33
3.5 Destacando alguns pontos das entrevistas.....	43
4. Análise Geral.....	45
Considerações Finais.....	48
Bibliografia.....	49

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da música erudita como um dos conteúdos a serem trabalhados no ensino de música nas escolas.

Para isso, o trabalho foi dividido em três capítulos, além da introdução, análise geral e considerações finais.

O primeiro capítulo, expõe um breve histórico sobre o ensino de música nas escolas brasileiras desde a época da colônia até os nossos dias, situando o leitor em relação a esta prática em nosso país. No segundo capítulo, é analisado o desenvolvimento musical na criança e sua importância dentro do crescimento infantil, ressaltando o valor da educação musical para a criança.

Após feita esta análise, no capítulo três é colocada o valor da obra erudita enquanto patrimônio cultural e sua importância na escola. Também é discutido neste capítulo, o acesso diferenciado de algumas parcelas da sociedade à este tipo de obra, tornando a escola responsável na democratização da cultura existente, cabendo a ela o papel de proporcionar o acesso e a compreensão das obras eruditas.

Para complementar o quadro teórico, foram realizadas entrevistas com profissionais da área de educação musical, trazendo novos aspectos na forma de abordar este ensino.

Finalizando, é apresentada uma análise geral do trabalho, e considerações finais retomando o que foi discutido e também levantando novas questões sobre o assunto.

Introdução

A música é uma das formas de expressão significativas da arte. Segundo Menuhin e Daves (in Penna, 1990, p.19) é a mais antiga forma de expressão, mais antiga que a linguagem e até mesmo a arte, pois começou com a voz.

O homem primitivo comunicava-se através de murmúrios da voz, de sons, e a consciência musical que tinha era a permitida pelos sons e ritmos de seu próprio corpo (batimento cardíaco, andar, respirar, falar...) e também daquela vinda da própria natureza (barulho dos ventos, movimentos das árvores, chuvas, cantar dos pássaros ...). A música, desta forma, é inerente a vida, ao próprio ser humano e ao mundo em que vive.

É nesse sentido que pode-se enfatizar a presença da música desde as civilizações mais primitivas, onde era usada como forma de expressão e comunicação.

Com o passar da história, a música passou a ser construída também como expressão artística. Ela está organizada de acordo com o tempo (histórico) e o espaço social da qual é representativa.

Em "O Poder Oculto da Música", David Tame (1984) evidencia este fato. Na filosofia dos antigos chineses, a música era a base de tudo. Os chineses acreditavam que todas as civilizações moldavam-se de acordo com o tipo de música que era tocada em seu país. Se a música de um povo era melancólica, então seu povo seria melancólico. Além disso, uma civilização permaneceria inalterada e estável se sua música também não se alterasse. Caso houvesse alteração no estilo de música, o estilo de vida das pessoas também mudaria. Era em função disso que o Imperador controlava as canções populares, árias e afinações dos diferentes territórios para que não houvesse modificação nem desvios no modo de agir e de expressar do povo.

Neste caso, percebe-se a influência direta da música no comportamento humano. Nas civilizações da antiguidade clássica, existia grande preocupação dos governantes com as manifestações musicais, pois acreditavam que a

música era elemento de interferência no caráter e personalidade das pessoas. Pode ser citado aqui a Grécia como exemplo marcante dessa preocupação.

A educação grega era organizada de forma a obedecer à legislação do próprio Estado, sendo que a sociedade inteira voltava-se para sua formação integral. A ginástica fortalecia o físico, e a música e a arte elevavam o espírito. Os gregos acreditavam que a música possuía poderes para suavizar costumes e direcionar a formação do caráter, e por isso todos os meninos e meninas deveriam saber tocar, cantar e dançar para harmonizar o pensamento e suavizar os movimentos.

A música expressa, conforme as diferentes épocas e culturas, tanto sentimentos íntimos como ideologias. Segundo Gonçalves, (1993 :6) a música é "parte integrante das manifestações místicas dos povos primitivos, das grandes mudanças efetuadas pelo espírito do homem renascentista e até das idéias ditatoriais propagadas pelo Terceiro Reich".

Com o passar dos séculos, foi-se perdendo esse grande misticismo que envolvia a música como força capaz de mudar o indivíduo e a sociedade. Por outro lado, nota-se atualmente a presença cada vez maior da música na vida das pessoas.

O avanço tecnológico proporcionou um grande desenvolvimento dos meios de comunicação, permitindo que a música se fizesse presente nas mais diferentes situações e representando, de maneira mais efetiva, suas manifestações sociais, culturais, políticas, financeiras, etc.

Sob este prisma, pode-se entender que a música não implica apenas estilo, forma e gênero, mas que, além disso, ela vem carregada de finalidades e aplicações. Sendo assim, institui gêneros que a caracterizam como: música de distração, música religiosa, música de protesto, de dança, enfim uma diversidade que exerce sobre o homem influência em suas atitudes e comportamentos.

Em função dessa influência, a música é freqüentemente usada como meio estimulador permeando os interesses humanos e sociais, é um meio transmissor de mensagem e valores.

A compreensão da música se dá numa sociedade a partir de um padrão que é culturalmente construído. O código musical é apreendido pela vivência, pela familiarização, pelo contato cotidiano. Assim, ser sensível a música não é uma questão de empatia ou gosto e sim uma sensibilidade adquirida "construída num processo – muitas vezes inconsciente – em que as possibilidades de cada indivíduo (sua capacidade de discriminação auditiva, sua emotividade etc.) são trabalhadas e preparadas de modo a reagir ao estímulo musical". (Penna, 1990 :21)

Para entender música, não basta escutar, é preciso dispor de instrumentos de percepção que permitam ao indivíduo decodificar a obra e apreendê-la. Quando não existe esses instrumentos específicos, o indivíduo se orienta por referenciais vindos do cotidiano que não permitem que a música em geral seja interpretada de acordo com sua especificidade.

A escola, através da educação musical, deve dar condições para que a percepção dos alunos seja aperfeiçoada para que eles possam se posicionar criticamente frente aos gêneros musicais que a indústria cultural produz e lança na sociedade constantemente.

Além disso, a escola tem o papel fundamental de ampliar o repertório do aluno, permitindo-o analisar e compreender a produção artística. Snyders (1994), em seu livro "A escola pode ensinar as alegrias da música?", apresenta reflexões a respeito dos compromissos democrático e cultural escolares com a música naquilo que ela tem de genial: as suas obras primas. Esses encontros devem ser entrelaçados com produções musicais da preferência cotidiana e comunicacional das crianças.

Sabe-se que a importância que deveria ser dada nas escolas regulares em relação a educação musical não acontece de fato, mas ao mesmo tempo existem escolas que têm a educação musical como pertencente ao currículo escolar. Cada escola adota uma forma de trabalhar com a música, dependendo de seu objetivo em relação a esse conteúdo.

É neste sentido que o objetivo deste trabalho é ressaltar a importância da música erudita na escola, levando-se em conta a importância deste gênero dentro da história da humanidade, seu estilo enquanto forma complexa

e ricamente elaborada e também o prazer de sua fruição, principalmente quando já existe uma vivência musical no sentido de compreender estas obras.

Além dos motivos citados acima, inerentes a própria música erudita, tem-se preocupação neste trabalho de evidenciar o acesso diferenciado dos indivíduos a esse estilo musical, e portanto destacar a escola como responsável em proporcionar esta vivência musical como uma forma de democratização da cultura existente.

A diversidade de músicas existentes é vasta, como já foi colocado, e é por isso que vale destacar que a escolha da música erudita não descarta outros gêneros, pois ela deve ser trabalhada como um dos conteúdos dentro do ensino de música.

Este trabalho está dividido em três capítulos, mais uma análise geral e considerações finais. O primeiro faz um breve histórico sobre o ensino de música nas escolas brasileiras desde a época colonial até nossos dias, de forma a situar o leitor sobre as diferentes condições a que passou a educação musical no Brasil durante seu desenvolvimento.

No capítulo dois, é colocada a importância da música dentro do desenvolvimento infantil e a necessidade de um trabalho dentro do período da idade escolar, onde conforme pesquisas o desenvolvimento da criança está voltado para esta habilidade, facilitando o aprendizado.

Depois de contextualizado a educação musical no panorama histórico do país e justificado a importância deste ensino para a criança, no capítulo três a questão do acesso a música erudita e sua vivência é exposta demonstrando seu valor no contexto do ensino de música nas escolas.

Por fim uma análise geral que recupera de forma geral os principais aspectos discutidos no trabalho, procurando refletir sobre as colocações realizadas e até mesmo incitar mais discussões sobre o assunto.

Capítulo 1

Breve Histórico

A história do ensino musical no Brasil não é recente. Tão logo os portugueses chegaram ao Brasil trouxeram os missionários jesuítas para “promover desenvolvimento cultural, religioso e social .”

Na época do Brasil colônia, o ensino de música esteve relacionado à catequização dos indígenas. Orações e documentos importantes para fé foram transformados em canções para facilitar a conquista dos índios ao catolicismo. Padre Anchieta foi mais longe ao compor canções em *tupí* para mais facilmente conquistar adeptos à religião católica. Os jesuítas foram os primeiros mestres de música no país.

Com a música os padres ensinavam a ler e a contar, utilizando jogos e brincadeiras. Os ensinamentos musicais tinham como base o canto gregoriano, usando mais tarde a modinha popular. Também era ministrado na igreja o ensino de instrumento de sopro e cordas, mas a forma preferida pelos padres era os “Autos” (peças teatrais religiosas e morais cantadas que eram representadas pelos padres e índios em palcos improvisados dentro ou juntos a igreja).

A atividade musical neste período foi muito intensa, mas quase que exclusivamente relacionada com a música litúrgica ou sacra.

Em meados do século XVIII, os negros músicos começam a se reunir em corporações constituindo as “irmandades de músicos” . Essas irmandades funcionavam como verdadeiros sindicatos de músicos, onde somente os filiados a ela podiam fazer música, sendo punidas as transgressões sob pena de prisão.

A formação destas irmandades estava ligada a igreja e tinha seu apoio, pois existia o interesse de conseguir adeptos à religião através da conciliação obtendo assim a conversão. Chegou-se a registrar na cidade de Ouro Preto,

Minas gerais, o cadastro de 250 músicos na irmandade, formando um verdadeiro conservatório de músicos.

Nos séculos XVIII e XIX

Após a expulsão dos padres jesuítas, em 1759, a educação musical passa por um processo de desestruturação. Isto porque o Marquês de Pombal, com seu absolutismo, ao tentar organizar o reino, expulsa os padres sem contudo propor outra forma de organizar o ensino, afetando diretamente o ensino de música.

Com isso, inicia-se o gradativo processo de desligamento da prática musical na escola regular, passando isto a acontecer nos conservatórios e academias, visando mais ao aprendizado técnico da música.

Diante desse quadro, as classes que anteriormente tinham acesso ao aprendizado de música, como os negros por exemplo, ficam prejudicadas diante das condições que agora se apresentava o ensino de música, favorecendo as classes economicamente privilegiadas.

A criação, em 1847, do Conservatório de Música do Rio de Janeiro (hoje, Escola de Música do Rio de Janeiro), permitiu acesso àqueles que careciam de recursos para se submeter a aulas particulares. Além disso, muitas instituições musicais foram criadas, mesmo que de caráter particular, proporcionando um aumento quantitativo e qualitativo das pessoas envolvidas nas habilidades musicais.

Início do séc. XX

Desde a saída dos jesuítas, muito pouco se fez em relação ao ensino de música nas escolas brasileiras.

Em 1932, a reforma do ensino de Anísio Teixeira incluía a criação de um órgão que se propusesse a desenvolver o desenvolvimento artístico e

musical nas escolas do país. Esta tarefa foi dada ao músico, compositor e regente, Heitor Villa Lobos.

Villa Lobos estava preocupado com a elevação artística e musical do povo brasileiro, acreditando que se todos estudassem música, estaria contribuindo para a formação de um público sensibilizado às manifestações artísticas.

Na tentativa de resgatar os antigos valores musicais, propôs que os ensinamentos musicais chegassem a todo o povo brasileiro. O compositor percebeu que os conservatórios educavam artistas ou músicos teóricos, acreditando na necessidade de educar o público para que este pudesse também julgar a arte musical.

"A todo o povo assiste o direito de ter, sentir e apreciar
a sua arte, oriunda da expressão popular..." (Villa Lobos in
Goldemberg, 1995 :104)

Em 1932, Villa Lobos assumiu a direção da Superintendência da Educação Musical e Artística (SEMA) das escolas públicas do Rio de Janeiro, fundada pelo educador Anísio Teixeira.

A SEMA baseada na reforma que instituiu o ensino obrigatório de Canto Orfeônico¹ no Rio de Janeiro, criou o Curso de Orientação e Aperfeiçoamento do Ensino de Música e Canto Orfeônico, destinados aos professores de escola primária. Outros cursos também foram criados destinados a formação de professores especialistas.

Em 1942, com o sucesso da SEMA e das grandes atividades decorrentes dela, foi criado o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Esta instituição tinha o propósito de criar um centro de estudos de educadores musicais de alto nível e também orientar e fiscalizar todas as iniciativas de canto orfeônico no país.

O conservatório dirigido por Villa Lobos possuía 5 seções curriculares: Didática do Canto orfeônico, Formação Musical, Estética Musical e Cultura

¹ O canto orfeônico diferencia-se do canto coral erudito, pois é uma prática da coletividade em que se organizam conjuntos heterogêneos de vozes e tamanho variável.

Pedagógica. A preocupação do compositor era criar e difundir uma metodologia de educação musical própria e também formar um repertório adequado ao Brasil, além de capacitar um corpo docente especializado.

O trabalho de Villa Lobos atingiu todo o país, introduzindo o ensino de música nas escolas regulares. Teve o apoio das autoridades podendo realizar grandes inovações. Em 1946, o Ministério da Educação organizou o ensino da música nas escolas secundárias e obrigou a presença dos alunos nessas aulas.

Goldemberg (1995) aponta três problemas que culminaram com o fim das atividades musicais criadas por Villa Lobos no país:

- 1) Problema político: as manifestações orfeônicas realizadas nas datas cívicas permitiu a vinculação com o governo autoritário devido a associação que se fez entre música, disciplina e civismo;
- 2) Problema da capacitação docente: devido a grande demanda de professores para atender as necessidades de aulas, foram criados cursos emergenciais e de férias. Estes cursos tinham formação qualitativa duvidosa, prejudicando também a formação dos alunos.
- 3) O problema metodológico: falta de metodologia de ensino bem estruturada, definindo técnicas de ensino específicas. Ainda que Villa Lobos se preocupasse com uma metodologia de ensino que levasse em consideração as particularidades de aprendizado das crianças, não houve iniciativa no sentido de definir objetivos.

O problema do trabalho realizado por Villa Lobos está ligado muito mais a questões de ordem operacional do que problemas de ordem conceitual. A dimensão e concretude da realidade da educação musical alcançadas por seu trabalho nunca mais foram atingidas no país. Resta àqueles que desejam uma realidade de educação musical realmente efetiva no Brasil partir de exemplos como este não para copiá-lo mas sim refletir a partir de dados que já existem na realidade de um país.

"O criador visualiza um sistema em seu conjunto, atentando mais para a universalidade da sua aplicação do que para as particularidades do seu mecanismo. Cabe a posteridade (ou aos auxiliares implantadores) melhor aperfeiçoar a obra criada, adaptando a realidade presente e as novas solicitações do seu emprego." (Adhemar Nóbrega in Goldemberg 1995 :109)

A Lei 4024/61 e a Lei 5692/71

Em 1961, com a Lei nº4024 a música passou a ser considerada uma prática, tornando-se optativa, tanto no ginásio como no Curso de formação de professores do primário. Mesmo com algumas mudanças no quadro geral da educação musical, como a criação de curso de formação de professores em nível superior, substituindo o cursos antigos de formação de canto orfeônico, até 1971, o ensino de música nas escolas permaneceu sob as bases fundamentadas por Villa Lobos, embora sem a mesma intensidade de quando iniciou.

A Lei 5692/71 instituiu a Educação Artística como componente curricular obrigatório no primeiro grau. A implantação desta disciplina é marcada pela proposta polivalente, integrando as artes plásticas, artes cênicas e música.

Essa Lei pretendia que através do ensino integrado das artes a criança desenvolvesse sua criatividade em todo o seu potencial

"O objetivo maior da Educação Artística é da "arte como expressão". Entender arte como expressão requer uma distinção bastante clara entre o que seja arte para adultos e o que sejam atividades artísticas realizadas por crianças e adolescentes. Arte , obras primas associam-se a museus, pinacotecas, teatros e orquestras... No campo pedagógico é outra conotação. A designação expressão musical, expressão plástica e corporal, não é fortuita e indica que seu objetivo é de desenvolver o potencial criador de cada indivíduo." (Brasil –

MEC- Guias Curriculares para o ensino de 1º Grau-
Comunicação e expressão Educação Artística, p.2 in Nogueira
e Máximo, 1997 :3)

A grande dificuldade, após a implantação da lei, foi capacitar o docente para possibilitá-lo atuar em três áreas de conhecimentos específicos. Com isso, mais uma vez a música não conseguiu conquistar um espaço definitivo. Isto se deveu, por um lado, ao predomínio das artes plásticas no espaço da educação artística, por outro, a falta de preparo dos docentes e a falta de condições físicas e materiais necessárias ao trabalho com música. Com isso, o tratamento dado pelos professores ao ensino de música foi cada vez mais ínfimo ou inapropriado, prejudicando qualquer trabalho realmente voltado para a educação musical.

Nos dias de hoje

A música não está presente, de forma geral, nas escolas brasileiras. São raríssimas escolas que se preocupam com este aprendizado. Nota-se a presença do ensino de música muito mais nas escolas particulares, que já se alertaram para a questão e reconhecem a importância da música na vida das crianças e que por isso estão buscando caminhos para melhor viabilizar este ensino em sala de aula. Aqui, a música ganha um espaço que é só seu, permitindo que tanto a área de artes plásticas como a de música sejam bem desenvolvidas.

Segundo Fernandes (1997), a educação musical só é efetiva e abrangente se fizer parte da educação tanto no ensino privado como no público, onde atingiria a totalidade dos indivíduos que frequenta as escolas. A presença da música no ensino regular torna-se necessária na medida em que as crianças passam ali grande parte da infância e adolescência, completando assim a educação global que deveriam receber nas escolas.

Capítulo 2

2.1 A influência da música para o desenvolvimento infantil

*As razões para argumentar a favor do ensino de música na escola passam por dois aspectos principalmente: o aprendizado de mais uma habilidade e a contribuição no desenvolvimento do raciocínio das crianças .

As pesquisas nesse sentido buscam evidenciar a importância da música para as crianças, justificando sua existência na escola. Donald W. Dillon, diretor executivo da conferência nacional dos músicos educadores dos Estados Unidos, em um artigo da revista "The school administrator" defende a educação musical no currículo das escolas americanas, justificando que, além dos benefícios óbvios da educação musical, incluindo conhecimento da literatura musical e habilidades de apresentações, a instrução musical, fortifica as ferramentas básicas necessárias no processo da aprendizagem. Ajuda a desenvolver habilidade de ouvir, habilidade de linguagem e concentração. Além disso, a instrução musical fortalece o trabalho em grupo, a disciplina, a tolerância para diferentes culturas e músicas, a auto-realização e auto-estima.

No mesmo artigo, Dillon comenta que em uma pesquisa feita numa determinada escola americana, os alunos de uma sala que recebiam instrução musical marcavam mais pontos nos testes realizados do que aqueles (colegas de classe) que não estavam desenvolvendo esta habilidade.

Essa relação entre o desenvolvimento de algumas capacidades com o desenvolvimento de habilidades musicais, pode ser explicada a partir de pesquisas recentes no campo da neurologia, onde os cientistas acreditam que há uma forte conexão entre as ligações ativadas pela música e a parte do cérebro usada para entender conceitos espaciais em matemática e a capacidade de planejar ².

² Folha de São Paulo/ Caderno Cotidiano/ 02/02/98

A revista IstoÉ, edição 1400, em seu fascículo Tudo – O livro do conhecimento – afirma que de acordo com Platão, a música é o instrumento de formação mais importante, por seu vínculo com a aritmética e o pensamento abstrato.

Ainda enfatizando a influência positiva do aprendizado musical para a criança, a Universidade da Califórnia, através do pesquisador Gordon Shaw, afirma que a capacitação musical, sem dúvida, amplia o nível racional da criança.

Gordon realizou experiências com pré-escolares de três anos de idade. Estas experiências mostraram que estas crianças, após ouvirem música frequentemente por oito meses, tornaram-se especialistas em montarem quebra-cabeças e apresentaram uma habilidade de localizar-se no mundo 80% mais alta que outras crianças.

A mudança de comportamento das crianças diante da música também pode ser destacada, como demonstrou a reportagem do jornal Estado de São Paulo (27/07/97) no caderno “Suplemento Feminino” onde é relatado a experiência realizada na FEBEM através do “Projeto Guri” com a educação musical.

Aprender música era um luxo. Os meninos ouviam no máximo um samba e pagode nas rádios. Depois do contato com instrumentos como violino, flauta, teclado já tocaram a Nona Sinfonia de Beethoven. Através disso, as crianças deixaram de ser “as crianças da FEBEM” e passaram a ser artistas, profissionais sérios e comprometidos, incentivando a auto-estima, destruída pelas condições sociais a que são submetidas.

“O revólver foi trocado pelo violino”, relata a coordenadora do projeto, Elizabeth Lopes Parro, que admira a dedicação e interesse dos jovens que já realizaram apresentações no Memorial da América Latina e também no Festival de Inverno de Campos de Jordão.

Esses exemplos mostram a contribuição da música em alguns aspectos da vida da criança. Vale lembrar que, além das contribuições citadas, é importante que a criança adquira o prazer de escutar ou até mesmo executar músicas, para que o fim da educação musical não seja apenas uma

contribuição para o seu desenvolvimento mas também que reflita a apreciação prazerosa da cultura, por parte das crianças e jovens. É possível notar isso no interesse das crianças que pertencem ao "Projeto Guri" em São Paulo, tanto daquelas que estão na Febem quanto das outras que pertencem a Oficina Mazzaropi (crianças que têm o amparo da família mas não têm condição financeira para aprender um instrumento). "A música tornou-se uma necessidade na vida daquelas crianças", comenta a coordenadora do projeto a respeito da relação que as crianças estabeleceram com as aulas e também os instrumentos.

2.2 A importância do aprendizado musical

É importante desenvolver desde a mais tenra idade o maior número de esquemas que permitirão o equilíbrio do fazer musical no indivíduo. De acordo com Mandler (in Gonçalves 1997) "um esquema consiste numa categoria de estruturas mentais que armazena e organiza percepções, podendo ser modificado pela experiência "(p.65).

Os termos "esquemas" e "estrutura mental" foram emprestados e readaptados da teoria Piagetiana para que a autora fizesse sua análise sobre o desenvolvimento da música na criança.

Gonçalves (1997), quando faz referência à música coloca que o material para a construção e estruturação de um esquema está nos próprios elementos da música. Assim, os diferentes modos de experimentar a música desempenha um papel fundamental na qualidade e quantidade de esquemas sensoriais, motores, rítmicos, melódicos, harmônicos que serão desenvolvidos.

Sendo assim, o desenvolvimento musical da criança inicia-se através da aquisição dos primeiros esquemas de percepção, criação, reprodução que levarão a criança a gradativamente desenvolver estruturas musicais neste campo de conhecimento.

Desta forma, o processo de apreensão dos esquemas contidos na música se dá a partir do momento em que ela entra em contato com o material sonoro que está a sua disposição. Daí a importância do papel da escola enquanto meio que vai possibilitar um contato com a música, trabalhando já com os esquemas que vão organizando as percepções trabalhadas.

Além disso, pode-se observar de acordo com recentes pesquisas feitas sobre o desenvolvimento do cérebro³, a importância que a escola teria em proporcionar às crianças o aprendizado musical numa faixa etária em que o cérebro infantil está propício para isso. As pesquisas revelam fatos surpreendentes a respeito do aprendizado das crianças.

Uma das descobertas mais importantes revela que existem períodos críticos em que os neurônios precisam de determinados estímulos para que aconteçam as sinapses (conexões entre os neurônios), permitindo ser desenvolvidas certas habilidades como visão, coordenação motora, linguagem, aprendizado musical e outros. Esse períodos foram chamados de "janelas de oportunidade", começando no nascimento indo até por volta dos doze anos.

Ao nascer a criança possui cerca de cem bilhões de neurônios que serão usados ao longo da vida. Até os dez anos, as conexões que não são muito utilizadas vão sendo eliminadas pelo cérebro como uma forma de auto-conservação que o próprio cérebro utiliza para manter "ativa" as conexões que são mais estimuladas.

É nesse sentido que os cientistas insistem que devem ser aproveitadas as "janelas de oportunidade", oferecendo às crianças o maior número de estímulos possíveis para que o cérebro infantil desenvolva o maior número de conexões, e que após isso, os pais ou a escola continuem trabalhando com os estímulos para que as habilidades possam ser aperfeiçoadas. Os estímulos devem ser dosados, logicamente, para não submeter a criança a um bombardeamento de informações.

As "janelas de oportunidade" para a música, segundo os pesquisadores da Universidade de Michigan, vão dos três aos dez anos, sendo este o momento ideal - de acordo com o desenvolvimento do cérebro infantil os

³ divulgadas no Jornal Folha de São Paulo/ Caderno Cotidiano/ 02/02/98

neurônios estão aptos a realizar sinapses para esta habilidade - para trabalhar com as crianças a música desde a simples escuta até o aprendizado de um instrumento, o que depende também do interesse da criança.

Este é o momento (dos três aos dez anos) em que a criança na escola passa o período da pré-escola até o fim do ensino fundamental. Desta forma, pode-se dizer que a escola deveria permitir o desenvolvimento das habilidades musicais, tendo como parte de seu currículo o ensino de música, aproveitando o desenvolvimento da criança nesse período que é propício.

Harry Chugany, neuropediatra da Universidade de Michigan, um dos pioneiros desta pesquisa, defende a reformulação dos currículos que não possuem o ensino de música nas escolas⁴ colocando que os alunos deveriam aprender música já na pré-escola quando as conexões entre os neurônios que determinam a habilidade musical estão sendo formadas.

A partir disso, fica claro a importância do papel da escola na contribuição do desenvolvimento da musicalidade da criança, de modo que ela possa vivenciar a música criando intimidade com seus elementos de forma geral, e desenvolvendo habilidades para que melhor possa lidar com ela, seja sob a forma de apreciação, de expressão ou até mesmo de criação.

⁴ apenas a música está sendo citada, pois é o objeto com que está sendo trabalhado. No artigo são também relatadas outras habilidades.

Capítulo 3

3.1 Democratização da cultura – A música erudita em destaque

Apesar do ensino de música tornar-se oficial através implantação da Educação Artística na escolas regulares brasileiras, como foi demonstrado no capítulo anterior, sua prática ainda não está definida no contexto escolar.

Esta “indefinição” por um lado faz com que na grande maioria das escolas, principalmente as públicas (pois as particulares vêm investindo cada vez mais no ensino de música) o trabalho musical não exista; por outro lado, as práticas quando existem, na maioria dos casos estão voltadas apenas para as crianças da educação infantil.

“É mais frequente o trabalho com música no maternal e pré escola, estando este quase sempre ligado ao processo de educação geral da criança ou como elemento condicionador de comportamentos, isto é, mais sob o aspecto imitativo e inibidor do que propriamente como forma de expressão espontânea e pessoal.” (Yolanda, 1967 :27)

As músicas escolares (quando existem) são as patrióticas ou de outras comemorações festivas que são convencionalmente ensaiadas para determinadas ocasiões, com textos de uma linguagem que permanece quase sempre incompreendida pelas crianças.

Segundo Perpétuo, (1997) a educação musical no ensino regular cumpre função meramente decorativa. O autor discute que a música é um legado da humanidade, e por isso a escola seria o lugar ideal para a transmissão desse legado. O autor coloca também que a educação musical não visa formar grandes solistas, ou dar material para as orquestras sinfônicas. O ensino de música pretende apenas formar cidadãos plenos, já que a

musicalidade é um aspecto indissociável do ser humano; sem o desenvolvimento desta potencialidade, o indivíduo não está completo.

Existem exceções, como o caso de muitas escolas particulares que têm a educação musical pertencente ao currículo e também de algumas escolas públicas (pouquíssimas) que de uma forma ou de outra procuram investir no aprendizado da música, acreditando na importância deste para a formação global da criança, mas são exceções.

Nota-se desta forma a privação sofrida pelas crianças em idade escolar de oportunidades para o conhecimento da linguagem musical dentro da escola regular, o que vai contra as atuais propostas educacionais como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que estabelecem objetivos claros para o ensino de música. Em uma das sugestões de conteúdo a ser trabalhado na escola, pode-se perceber a preocupação dos profissionais que elaboraram os parâmetros, em transmitir a cultura musical socialmente produzida:

“A música como produto cultural e histórico: origens e movimentos artísticos diversos, de todos os povos, épocas e culturas, associadas aos músicos que as produziram e ao contexto histórico. Fontes de registro e de preservação, maneiras de acesso e divulgação na sociedade.”
(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998)

Combatendo esta situação de privação cultural dos alunos, principalmente de escolas públicas, grandes pedagogos musicais discutem o tema trazendo reflexões enriquecedoras quanto ao papel do ensino de música em escolas regulares.

Snyders (1994) discute que o papel da música nas escolas é o democratização da cultura.

Tem-se em todo o universo cultural uma diversidade de músicas com estilos, gêneros e formas diferentes. Com o desenvolvimento histórico, esta gama só vem aumentando, fazendo com que novas formas musicais apareçam e outras deixem de ser usadas como referência para a composição, é o caso por exemplo do estilo barroco, do classicismo etc.

A pluralidade das músicas existentes não faz com que a escolha de um estilo anule outro, pois a originalidade está presente em cada um deles, sendo possível desfrutar esteticamente dos diferentes recursos que cada música traz.

Em função da diversidade das músicas, tem-se também a diversidade de público, pois cada um, segundo sua história de vida, escolhe aquilo que melhor representa seu íntimo.

Sabe-se, no entanto, que apesar da diversidade e da escolha feita pelas pessoas em relação ao seu gênero musical, alguns estilos musicais não chegam a todas as pessoas de forma que elas possam compreendê-la para fazer julgamentos de valor. É o caso da música erudita que, de forma geral, é apreciada pela classe social economicamente favorecida, o que não acontece na maioria dos casos com a massa popular.

Não se está questionando as preferências musicais de cada classe social, tampouco determinando tipos de músicas em função de classes sociais, o que esta sendo feito é apenas uma constatação.

De fato, é verdade que, nesta sociedade, atualmente, a escrita musical e, portanto, o acesso às obras-primas, representa uma área de desigualdade social flagrante: a "grande música" existe essencialmente para uma "elite" de privilegiados da cultura, que, aliás, raramente são desfavorecidos em outras áreas e frequentemente são "herdeiros" de pessoas já privilegiadas. Para a massa constituída pelos outros, resta algo como as "variedades"....(Snyders, 1994 :42).

A democratização da cultura torna-se pertinente neste ponto na medida em que constata-se que o acesso e os meios para compreensão da música erudita não chegam a todos da mesma forma.

Bourdieu e Darbel (in Penna 1990), colocam que os mecanismos que agem na exclusão e seletividade dos alunos na escola são os mesmos em relação as competências artísticas, onde também a cultura formal, erudita, não é dada a todos dentro da sociedade.

Partindo disso, que o papel da escola em relação ao ensino de música é o de democratização da cultura, na medida em que esta deveria ser a via de acesso das crianças à compreensão de músicas de caráter mais elaborado como é o caso da música erudita.

O problema, em primeira instância, deixa de ser tanto o acesso para ser a compreensão desta música, pois atualmente a difusão da cultura é muito mais intensa, mas a possibilidade real de um indivíduo usufruir desta cultura torna-se limitada quando ele não dispõe de meios de avaliá-la para decidir sobre o seu consumo:

“Para cada indivíduo, a escolha e o
“consumo” de música estão direcionados e limitados pelos
instrumentos de apropriação, pelos esquemas perceptivos de
que dispõe” (Penna, 1990 :25)

É dentro do processo de musicalização que deveria ocorrer no ensino regular, que esses instrumentos de percepção seriam desenvolvidos contribuindo para a elaboração de conceitos estéticos para a apreciação da música erudita.

Para finalizar, mais uma vez a colaboração da autora Maura Penna (1990), quando coloca que a escola seria a grande compensadora dessa situação de privação para os alunos, na medida em que forneceria a todos igualmente elementos para o acesso e apreensão da música erudita. A musicalização cumpriria o papel democratizante nesse processo, pois promoveria o domínio dos instrumentos de percepção adequados à apropriação das formas musicais elaboradas como a música erudita.

3.2 Educação musical e musicalização

É importante diferenciar “Musicalização” de “Educação Musical” já que a utilização desses termos torna-se constante num trabalho como este, existindo diferença na aplicação destes conceitos.

A Educação musical aborda o ensino da teoria musical enquanto que musicalização pode ser considerada um passo para a educação musical, pois considera o fato musical em si enquanto linguagem musical sonora, não tomando como objetivo o domínio da grafia e teoria, mas preparando o indivíduo para a apreensão desses conceitos.

Para a compreensão destes conceitos, usamos as definições propostas pela pedagoga musical Maura Penna (1990).

↳ A educação musical diz respeito a processos de ensino que envolvem a teoria musical (notação convencional), técnica musical e também ao ensino de um instrumento específico.

↳ A musicalização é um processo que não tem como objetivo a formação de indivíduos preparados tecnicamente para o aprendizado especializado da música, isto é, a preocupação não está voltada para o ensino de um instrumento específico ou da teoria musical assim como é feito nas escolas especializadas, pois isto seria um estágio mais avançado dentro da educação musical. Mas a situação emergente gerada pela privação social faz com que o processo de musicalização esteja voltado em primeiro lugar para o desenvolvimento de instrumentos onde cada indivíduo possa entender criticamente sua realidade musical.

É nesse sentido que a musicalização não tem um fim em si mesma e tampouco parte apenas de suas especificidades para construir o conhecimento com os indivíduos. É necessário que os processos sociais estejam interligados, permitindo a inserção do indivíduo em seu meio sócio cultural, contribuindo para que a relação com seu ambiente cultural seja mais significativa.

Partir da realidade da criança é um passo para a compreensão de suas riquezas e limites. A partir desta base, é que se construirá a apreensão da

música erudita, onde o aluno vai ser capaz de dar significado a ela, escolhendo-a ou não segundo a sua vontade e não porque ficou alheia a ela por não ter condições de avaliá-la.

“... Assim a música erudita, historicamente reservada às elites, deixa de ser o inalcançável padrão a venerar, rompendo-se a distância reverencial do sagrado. Dar acesso à compreensão e manipulação de seus códigos é dessacralizá-la, permitindo que seja apreendida, possuída, redirecionada ou mesmo recriada – assim como o ensinar a ler e a escrever, ao mesmo tempo em que transmite um código linguístico carregado de padrões vinculados a uma situação de dominação, fornece meios de expressão e de luta, necessários para o pleno desempenho social e até para uma atividade transformadora do real. (Penna, 1990 :35)

Portanto, é concebida a musicalização dentro de um processo educacional orientado que promove uma participação efetiva dos indivíduos na cultura musical socialmente produzida através do desenvolvimento de “...instrumentos de percepção, expressão e pensamentos necessários à decodificação da linguagem musical...”(Penna, 1990 :37), fazendo-os sujeitos críticos e participantes.

3.3 Por que a música erudita?

A música erudita, diante de tantas composições modernas e populares da atualidade, não estaria ultrapassada? Mesmo participando da História da música, seus valores apresentam significado na atual realidade?

Estas são algumas perguntas feitas por alunos quando existe uma proposta sobre a música erudita. Por este motivo, alguns pontos serão destacados para o esclarecimento de questões como estas.

São representados, através da música erudita, momentos significativos da história do homem, demonstrando sentimentos, lutas, sensibilidades ligadas a diferentes épocas. (Como exemplo, a 9ª Sinfonia de Beethoven representa as grandes esperanças revolucionárias do período das Luzes.)

O que faz estas obras serem distintivas de outras é o fato delas perpetuarem através do tempo devido a sua forma de elaboração e estilo empregado, tornando-a clássica (no sentido de tradicional e não em relação ao período classicismo) correspondendo às expectativas também de ouvintes de hoje.

Mas o fato mais importante das peças eruditas que a caracterizam como "obras-primas" é a relação pessoal e viva que podem manter com cada um, assumindo significações presentes.

Tornam-se presentes primeiro porque a interpretação é contemporânea, pois é feita por ouvintes de hoje através das contribuições que as próprias músicas atuais trazem. Isto é, quando uma música é interpretada, os parâmetros usados não são buscados no estilo em si, mas toma-se como referencial outros estilos para que a comparação e interpretação possa ser feita.

"As variações do gosto não anulam as obras-primas, mas fazem com que elas sejam ouvidas diferentemente, comentadas diferentemente segundo a época – e é por isso que elas vivem: se sentido permanece aberto, jamais está acabado, não se esgota jamais." (Snyders, 1994 :62)

Além disso, a beleza estética da música erudita, torna-se prazerosa ao ser apreciada, fazendo disso uma grande razão para sua escolha.

Diante das dificuldades de trabalhar com alunos a música erudita, é necessário tornar presente as obras do passado, fazendo ter significado na sua história e vida pessoal.

Ao destacar a música erudita, não se coloca de forma alguma este estilo como importante em detrimento dos outros. A intenção é enfatizar sua

relevância em função dos aspectos discutidos. Assim a música erudita seria um dos conteúdos fundamentais dentro do currículo do ensino de música na escola.

3.4 Entrevistas

3.4.1 Objetivos

As entrevistas foram realizadas para complementar o quadro teórico apresentado, trazendo na fala de profissionais ligados à educação musical, novos aspectos a serem discutidos sobre o ensino de música erudita nas escolas.

Buscou-se com a entrevista, evidenciar dois aspectos: o primeiro ressalta a importância do estilo musical erudito na escola, já discutido neste capítulo, mas retomado, pois, o relato desses profissionais vem da prática do cotidiano, refletindo uma experiência vivenciada, podendo ser avaliada pelos seus resultados; o segundo ponto traz um aspecto que não foi abordado na bibliografia estudada (em função de sua limitação diante da especificidade do tema aqui estudado), mas que torna-se importante quando se trata de como deveria ser viabilizada a música erudita na sala de aula para que esta se fizesse significativa para o aprendizado infantil.

Esses dois pontos são importantes, pois, preenchem a tônica do trabalho, trazendo dos entrevistados que estão diretamente ligados a área suas opiniões, a partir da experiência que tiveram com relação ao ensino de música em escolas permitindo que estes relatos sirvam como referenciais na busca de novos caminhos.

As questões usadas para contemplar estes aspectos foram:

_ “ Qual é a relevância do trabalho com música erudita nas escolas como um dos conteúdos do ensino de música?”

_ “ Qual seria a melhor forma de trabalhar a música erudita em sala de aula?”

3.4.2 Metodologia

A pesquisa é qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (in Ludke, Menga e André 1986 p :13) envolve a obtenção de dados descritivos, que neste caso foram as entrevistas, preocupando-se em retratar a perspectiva do participante, pois era o motivo da entrevista buscar nos professores seu ponto de vista sobre as questões do ensino da música erudita nas escolas.

Segundo Martins (1991), a descrição constitui a importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa. O termo descrição para o autor requer alguns cuidados ao ser usado e neste trabalho cabe salientar que um de seus aspectos é a importância de permitir ao sujeito que se expresse de forma completa colocando todas as informações relevantes que o sujeito deseje realizar.

A entrevista foi o método utilizado, pois segundo Ludke, Menga e André (opus cit), permite a captação imediata da informação desejada permitindo também correções, adaptações e esclarecimentos tornando mais eficaz a obtenção das informações.

As entrevistas foram registradas através de anotações realizadas no momento da entrevista e transcritas logo após a realização das mesmas. Não foi utilizado gravador para que os entrevistados pudessem ficar mais a vontade.

3.4.3 Sujeitos da Pesquisa

Para a realização das entrevistas, foram escolhidos profissionais que tiveram experiência em ensino de música em salas de aula e/ou estão envolvidos atualmente com trabalhos acadêmicos voltados para esta área.

Para a escolha dos sujeitos, foi utilizada a indicação de uma profissional da área que mantém contato com estes profissionais, conhecendo a importância dos mesmos no que diz respeito ao ensino de música.

No total são cinco profissionais. Todos eles tiveram experiência com ensino de música em sala de aula.

Atualmente, dois profissionais trabalham em universidades coordenando a parte de Artes, um deles está envolvido especificamente com a área de educação musical. Outros dois profissionais, estão desenvolvendo teses de doutorado voltadas para a área também. Somente uma professora não está desenvolvendo atividades como as citadas, mas é pesquisadora da área de educação musical em escolas.

3.4.4 Apresentação das anotações das entrevistas

1ª Profissional Instituto de Artes Unicamp/ Profª Dep. Música
Doutorado em Educação Musical

É muito importante que a criança conheça a música erudita. Mas isso não é o suficiente, pois é necessário que ela vivencie. Essa vivência deve partir da realidade do aluno, usando elementos que ele traz para assim trabalhá-los musicalmente. É como Piaget explica: o meio ambiente traz elementos para que a criança possa construir seu conhecimento.

A partir da vivência então, a criança com a ajuda do professor começa a perceber que toda música tem uma estrutura que a faz diferenciar uma da outra; e a música erudita tem sua estrutura própria. Essa estrutura específica da obra erudita, por ser bem fundamentada e elaborada, perpassou os tempos.

Essa consciência deve ser passada às crianças, não apenas através da fala, mas sobretudo através da ação, da interação professor – aluno – música.

Os aspectos dinâmica, intensidade, melodia e estrutura devem ser sentidos emocionalmente, como por exemplo a representação através de desenhos da melodia musical, cores fortes para intensidades fortes e cores fracas para intensidades menores, mas deve-se chamar atenção que não é pura e simplesmente desenhar ao som de uma música mas sim perceber seus elementos para que ela possa ser representada.

O ritmo pode ser trabalhado através do físico da criança. Criança é movimento! Reger, andar no ritmo, dançar, etc. É notório como as crianças se movimentam, suas brincadeiras envolvem sempre o movimento corporal, elas batem as mãos, rodam, marcham, e por isso na hora de trabalhar com as crianças as músicas deve-se partir do corpo. Edgar Wilems diz que a música deve ser vivida no físico.

Para que as ações sejam eficientes o professor deve estar atento para o momento, não se pode separar a música da vida. É a partir de uma situação, contexto gerado em sala de aula é que se introduz a música e não trazer a música descontextualizada porque não será significativo para o aluno.

Nas valsas de Mozart por exemplo, o ritmo pode ser trabalhado através da regência dos alunos, da dança, fazendo com que a criança fique atenta para a construção da música: tema A , tema B, ritmo de valsa, fraseado musical, etc.

Isso desenvolve a acuidade auditiva da criança e introduz a criança no mundo da música erudita procurando dar significado ao aprendizado, ampliando o cotidiano, trazendo uma vivência musical.

2ª Profissional – Doutorado no instrumento violino na universidade de Aiwoa/ EUA

O problema do ensino de música nas escolas regulares no Brasil começa com a formação deficiente dos professores em Licenciatura em Educação Artística. Uma arte não se aprende em três anos. É impossível aprender música nesse curso e outras habilidades artísticas de forma que todas as especificidades sejam atendidas.

A música é muito importante para o desenvolvimento da criança, e todas as crianças podem aprender música. Só depende da criação de ambientes para que isso ocorra, ou seja, de estímulos favoráveis a isso.

A questão do "dom" não pode ser analisada como comumente é. Em primeiro lugar a orientação tradicional dos professores de música, que muitas vezes traz a "punição" como forma de obter resultados, afasta aqueles que algum dia despertaram o interesse pela música; depois alguns métodos não facilitam o aprendizado da criança, não permitindo que ela desenvolva suas potencialidades musicais de forma mais "fácil", fazendo com que ela se interesse e busque aprender mais.

Assim, o "fracasso" de uma criança não pode ser entendido como falta de "dom" e sim como falta de estímulos ou orientação adequada.

Esses estímulos podem ser criados dentro da escola regular através da educação musical. O ensino de música não visa a formação de músicos mas sim a criação de oportunidades onde as crianças são os artistas, executam obras musicais, compreendem as obras participando da cultura.

Nos Estados Unidos, todas as escolas têm ensino de música com a formação de orquestras nas escolas. Já existe a consciência de que música contribui para o desenvolvimento da criança. 80% dos alunos estão acima da média em todas as matérias depois que começaram com estudos de música na escola. Outro ponto interessante vem da NASA que já na década de oitenta fez um ofício às escolas pedindo aulas de música pois as crianças estavam se tornando muito racionais em função do desenvolvimento tecnológico. O resultado entre outros foi que estas crianças melhoraram sua média nas escolas.

Pesquisas divulgadas nos Estados Unidos relatam que a música contribui para a ligação entre neurônios. Existem cerca de dois milhões de neurônios que dependem de estímulos exteriores para se ligarem e se isto não acontecer até os dez anos de idade eles "morrem" perdendo uma função que poderia ser muito bem aproveitada pelas crianças. É por isso que a escola deveria investir no aprendizado da música pois seria um aliado no desenvolvimento da criança.

Apesar desta contribuição da música, o ponto mais importante é a manifestação artística que a criança vai ter, como participante da obra.

Não é bom que a criança diga que não gosta da música erudita. Isso acontece pois elas não conhecem a obra e sua importância. É por isso que a forma que a música erudita deve ser passada às crianças deve ser significativa para elas para que possa haver apreciação.

Contar histórias sobre a música, explicar o que significa tal melodia, pintar um quadro sobre a música. A partir desses referenciais a criança vai escutar a música cada uma diferentemente de acordo com as representações que tem do mundo, mas é aí que a obra torna-se significativa para ela acabando com a distância que existia entre a música erudita e as pessoas que acreditavam não capazes de admirá-las.

Voltando a questão dos estímulos, se a música erudita for tratada assim, vai estar sempre criando ambientes e estímulos para que possa haver compreensão e fazer dos alunos participantes da obra.

3ª Profissional – Coordenadora da área de Educação Artística da PUCC, coordenando também: Grupo Instrumental, Oficina do som, Coral, Teatro e Dança
Durante 15 anos deu aula de Práticas Musicais nesta Universidade.

A música nas escolas sofre um processo deformado. Ela é apenas cantada de forma repetitiva, não existindo agente criador, inovador com visões

estereotipadas da educação musical. É uma "deseducação" artística. Não existe arte.

A música é o veículo que mais pode penetrar no ser humano, pois trabalha com recônditos que não são passíveis de serem explicados, que vai além de processos mentais. A música erudita pode ser considerada aquela que dá acesso ao ser de forma mais intensa.

O "preconceito" que muitas vezes existe em relação a música erudita deve ser "furado". Villa Lobos em um de seus relatos, conta que em uma de suas apresentações uma peça de Bach fazia parte de seu repertório. No momento da apresentação, não foi anunciado que a peça que seria tocada era deste compositor, passando-se como uma das obras entre as outras. Nesta apresentação, esta peça de Bach foi a mais aplaudida.

Já em outra apresentação, no momento de tocar a peça de Bach, ela foi anunciada, explicando sobre o compositor, obra, etc. Villa Lobos relata que esta peça foi friamente aplaudida.

Esse exemplo é para mostrar que existe um preconceito das pessoas em relação a música erudita em geral e que as pessoas de antemão se fecham para apreciar esta arte. Essa é uma tradição que tem raízes históricas explicáveis. No início do século XIX a "nata" da sociedade brasileira participava dos grandes encontros e concertos da música erudita que vinha da Europa. A própria música brasileira era negada (pois vinha dos índios e negros) e a elite social apreciava apenas o erudito europeu. Essa tendência permaneceu, fazendo com que com o passar do tempo essa música ficasse destinada na maioria dos casos às pessoas socialmente favorecidas.

Esse afastamento deve ser quebrado através de primeiramente uma vivência musical. Esta vivência deve permitir que a música torne-se significativa para as crianças; mas para que isso aconteça, ela não pode ser dada como aprendizado formal, que se torne insignificante e sem resultados ou prazeres musicais, deve ser criativa.

É com absoluta certeza que as crianças e jovens a partir do momento em que esta música tem significado para eles, será apreciada. E mais do que isso, as crianças podem chegar a sua parte formal (período, forma, estilo,

época, compositor, etc.) mas isso quando a música for dada como meio e não como forma.

Sua parte formal seria a descoberta que a criança deveria fazer depois de entender a música, pois seu rigor científico é natural e faz parte de sua curiosidade.

O ideal seria começar com peças eruditas brasileiras como as de Villa Lobos para depois partir para outras obras.

4ª Profissional* – Pedagoga Musical, Coordenadora e Professora do Departamento Infante-Juvenil da Universidade Livre de Música Tom Jobim do Estado de São Paulo

Sobre a importância da música clássica na escola regular

Muitos argumentos podem ser levantados na defesa da música clássica como parte integrante da formação escolar de crianças e jovens, desde a pré-escola até a conclusão do 2º Grau. Tentemos enumerá-los:

Importância da preservação de um repertório que é patrimônio da humanidade.

A afirmação não é exagerada, se considerarmos que continuamos a ouvir música de compositores mortos há centenas de anos. Essa música perdura por ter qualidade, merece continuar sendo ouvida. Se há pouco espaço nas rádios e televisões e se os concertos são inacessíveis para grande parte do povo brasileiro ou não constituem para ele uma tradição, nada melhor do que abrir espaço para essa música na escola, juntamente

* Esta entrevista foi realizada por telefone, e para que melhor as idéias fossem expostas, a entrevistada preferiu fazer os registros me enviando posteriormente.

com o folclore e a música popular, todas manifestações culturais genuínas e importantes para a formação de uma cultura.

Note-se que a mídia tão pouco abre espaço para a música popular e folclórica de qualidade, no entanto, a desvantagem da música clássica é ainda maior, em relação às outras, pois, em muitas comunidades, ainda se preservam as tradições populares na atualidade.

Características intrínsecas à música clássica

Existe uma característica comum a todos os grandes compositores de música clássica de todas as épocas: a busca do novo. Essa busca os fez e os faz trabalhar a linguagem musical de forma detalhista, organizada, visando sempre à transcendência daquilo que já foi feito no passado. Por isso mesmo, a música clássica é extremamente elaborada, nada ali ocorre por acaso; é densa de informações, apresenta uma riqueza surpreendente sob qualquer ponto de vista que analisemos: forma, estrutura, melodia, harmonia, ritmo, orquestração, textura, contrastes dinâmicos, agógicos e tonalidades, entre outros. Sob o ponto de vista técnico da linguagem, e da criação artística, poderíamos dizer que esta música é um tesouro, justamente por isso, podemos e devemos oferecê-la a pequenos seres em formação.

Benefícios que a audição de música clássica oferece ao ouvinte

A audição musical é uma atividade extremamente benéfica para qualquer pessoa, a começar pelo simples fato de que se deve parar e prestar atenção para poder ouvir.

Vivemos num ambiente sonoro poluído; enfrentamos diariamente, desde de agressões sonoras profundas (o som de uma grande avenida, o metrô, as fundações de um edifício e as máquinas em geral) até incômodos sonoros mais sutis tais como os sons de eletrodomésticos, lâmpadas fluorescentes e a televisão diminuem nossa acuidade auditiva, e o que é pior , perdemos a

possibilidade do silêncio e de um ouvir atento, por que a música se destacaria em meio a essa torre de babel de sons?

O ato de ouvir música com atenção criará as condições necessárias para que o ouvinte comece novamente a perceber, prestar atenção no ambiente sonoro que o cerca. Junto ao ouvir, temos o relaxamento, a atenção, a concentração, a postura, o silêncio, enfim, um conjunto de atitudes que o ouvinte deverá assumir que poderá beneficiá-lo enormemente em outras atividades, na escola e fora dela.

Inicialmente, duas atitudes ligadas ao ouvir seriam desejáveis: o silenciar-se para ouvir (música, sons ambientes, o que o professor diz ou qualquer estímulo sonoro) e o incomodar-se com as agressões sonoras sofridas diariamente. Só podemos mudar a poluição sonora (assim como a ambiental ou outra qualquer) ao nos incomodar-mos profundamente com ela. Esperemos que nossos estudantes educados sob esta nova ótica desejem no futuro a televisão num volume normal e sadio, tanto quanto controlar o ruído de seus carros motos buzinas e ainda, que optem por não incomodar a vizinhos com seus aparelhos ligados, enfim que estejam sensibilizados para a importância do mundo sonoro no qual estão imersos.

Mas por que fazer tudo isso com a música clássica?

Naturalmente, podemos chegar a um bom nível de consciência sonora trabalhando com qualquer música, mesmo as mais agressivas, ou até mesmo com ruídos. Tenho feitos exercícios de audição concentrada com temas de Heavy Metal, a pedido dos alunos. No entanto, a riqueza da música clássica, já descrita anteriormente, favorece mais que qualquer outra esse trabalho de acuidade auditiva, por exemplo, podemos optar por ouvir apenas a linha melódica de soprano em uma polifonia a quatro vozes, podemos perseguir um dos instrumentos dentro de uma estrutura, destacar motivos melódicos e rítmicos, ostinatos, acompanhar motivos crescendos e decrescendos, observar mudanças sutis e menos sutis de orquestração, tonalidade, caráter, andamento, estilos, ou ainda, o uso de ruídos na música contemporânea.

Como se já não bastassem todos esses argumentos em favor da música clássica, digamos que ela é poderosamente imagética. Não me refiro apenas a música dita "de programa", naturalmente descritiva, mas a qualquer música. Basta ouvir um tempo, em atitude de relaxamento e atenção para que as imagens e também as emoções comecem a surgir: é triste, é alegre, nostálgica, misteriosa, ou ainda é uma tempestade, o vento, a água, o sol, a chuva, tudo isso é facilmente ouvido na música pelo leigo. Essas imagens são de imprescindível ajuda para que inicialmente um principiante se entregue com facilidade à audição concentrada.

Portanto, ouçamos música clássica na escola!

5ª Profissional - Professora da disciplina Pedagogia e didática musical no Instituto de Artes/ Unicamp
Doutorado em Educação Musical pela Faculdade de Educação/ Unicamp

É difícil falar de um estilo musical separadamente, pois acredito que há penetração de um gênero em outro. Por exemplo: Villa Lobos e Debussy criaram muitas músicas eruditas a partir do folclore de seus países. Em muitos momentos pode se observar a presença da música erudita sendo apropriada pelo popular nas propagandas, filmes, etc. Mas ainda mesmo assim, em termos até de caracterização da música, pode-se falar da música erudita.

É responsabilidade dos professores oportunizar às crianças a diversidade de linguagens musicais existentes inclusive a erudita. Nós professores que conhecemos este estilo musical devemos passar isto aos alunos para que estes também possam ter acesso a isso.

A música erudita é um patrimônio histórico e por isso deve ser trabalhado nas escolas, é também uma forma de linguagem.

Em relação a receptividade das crianças em relação a esta obra pode-se dizer que as crianças só gostam daquilo que conhecem. Swanwick, pedagogo musical, teorizou quatro níveis de conhecimento e dentre deles pode-se se citar o quarto que diz respeito ao julgamento de valor. Segundo ele a criança só pode dizer se gosta de algo se vivenciou em algum momento.

Para iniciar este trabalho seria interessante trazer a música erudita contemporânea, já que reflete a música que está sendo produzida atualmente. A grafia que esta música possibilita permite a criança a lidar de forma mais fácil com a notação musical, podendo fazer registro do que ouve, daquilo que cria para poder repetir em outro momento, fazendo com que a criança também possa criar e expressar suas produções.

Com a música erudita dos tempos mais antigos, deve-se passar para a criança que esta música não está longe da realidade, estando presente nas propagandas, trilhas sonoras, espetáculos, etc.

Outra forma de abordar o assunto é trabalhar com os livros de histórias dos compositores (são livros que retratam a vida dos grandes compositores desde sua infância até a idade adulta, de forma lúdica) que trazem o cotidiano do compositor para o cotidiano da criança. Assim, a criança deixa de colocar o músico "num pedestal" inatingível na medida em que encontra semelhanças nos acontecimentos do seu cotidiano e do compositor.

É importante colocar o trabalho que algumas instituições fazem com música com crianças. Muitas vezes a música erudita não é o objeto de aprendizagem, sendo trabalhada com eles uma música que fala da realidade em que vivem, tornando uma música de protesto. A música erudita, se possível, deve de algum modo chegar ao conhecimento dessas crianças, pois também é produto da cultura, mas é necessário ter cuidado para não sufocar aquilo que estas crianças produzem como necessidade de expressão que se traduz nas letras e ritmos produzidos.

3.5 Destacando alguns pontos das entrevistas

Quanto a importância da música erudita na escola:

Em relação a este aspecto pode-se dizer que os professores foram unânimes em relação a importância deste gênero na sala de aula. Para justificarem suas posições levantaram pontos como:

- preservação de um repertório que é patrimônio da humanidade;
- música com uma estrutura bem fundamentada que perpassou os tempos;
- importância de uma música que possui uma linguagem musical detalhista, organizada, que visou sempre à transcendência daquilo que foi feito no passado;
- é densa de informações, apresentando uma riqueza sob qualquer ponto de vista: harmonia, melodia, textura, ritmo, orquestração, etc.;

Quanto a forma que a música erudita deveria ser trabalhada na sala de aula:

- sentir emocionalmente, representando a música através de desenhos, através do físico, regendo, dançando, etc.;
- contar histórias sobre a música, explicando sua melodia, criando referenciais para que a criança possa começar a realizar suas representações sobre a música;
- criação de ambientes e estímulos para proporcionar a compreensão desta música;
- mostrar esta música presente em muitos momentos da realidade, como propagandas, filmes, etc.;
- ouvir separadamente uma linha melódica, perseguir instrumentos dentro de uma estrutura, destacar motivos melódicos e rítmicos;
- trazer a música erudita contemporânea que é a produzida em nossos dias;

- e acima de tudo, possibilitar uma vivência musical, permitindo que esta música torne-se significativa para as crianças e para que isso ocorra, ela não pode ser transmitida como um aprendizado formal, que torne insignificante e sem resultados ou prazeres musicais;

Assim, foi possível notar, de forma geral, a necessidade da presença da música erudita na escola como forma de acesso a um patrimônio cultural ricamente elaborado, tornando importante seu aprendizado no ensino escolar.

A forma de proporcionar o conhecimento para os alunos seria através uma vivência das obras eruditas, não só escutando as obras mas participando ou sob a forma de reger, dançar, criar em cima daquilo que já existe, contar histórias sobre a música, permitindo a criança dar significados, compreender e apreciar a obra.

Para isso, a realidade e os elementos que os alunos trazem do cotidiano devem ser o ponto de partida para que seja diminuído cada vez mais a distância estabelecida entre a música erudita e seu espaço na escola.

Percebemos também que a música em função de sua riqueza e elaboração complexa que são inerentes a esse estilo, em nenhum momento deve ser passada, na escola regular, como um aprendizado formal com regras e técnicas e sim ser criativa, despertando o interesse e a curiosidade da criança.

De forma geral, estes foram os pontos mais citados nas entrevistas, confirmando a necessidade da música erudita na escola. Além disso, foi possível notar nas falas a necessidade de mudança na forma de encarar este tipo de obra no trabalho com as crianças. A música, através de metodologias mais direcionadas à criança enquanto “consumidora” da obra deixa de ser localizada num momento distante aproximando-se da criança.

4. Análise geral

Para justificar a música como elemento fundamental na educação e dentro disso a importância do acesso à música erudita como forma de democratização da cultura, apresentamos inicialmente a realidade histórica evidenciando a presença da música na sociedade, desde os tempos primitivos, fazendo parte do cotidiano das pessoas, representando interesses, caracterizando culturas, enfim, expressando aquilo que pessoas, grupos, camadas sociais, desejam comunicar e expressar ao outro.

Pôde-se perceber, que a música teve grande influência nos ideais de educação e de homem durante muitos anos da antiguidade, sendo considerada um dos meios mais importantes de formação do indivíduo. Assim, desde essa época existe uma preocupação com a educação musical das pessoas, refletindo formas diferentes de serem transmitidas dependendo do contexto em que está inserida.

No Brasil, a educação musical passou por diferentes situações desde a época da colonização até nossos dias. Passou por grandes momentos, como por exemplo o canto orfeônico mas também perdeu força. Sabe-se que atualmente este tipo de ensino não é viabilizado nas escolas onde encontra limites para a sua execução: a falta de materiais, de salas adequadas, tempo, e professores com formação inadequada para ministrar a especificidade da música.

Outro fator que contribui para a quase inexistência da educação musical é que este espaço está voltado para a Educação Artística onde esta, na maioria dos casos, volta-se para a área somente das artes plásticas, ou está nas mãos de professores que se formaram em licenciatura curta, apresentando dificuldades para desenvolver objetivos da especificidade musical.

Apesar deste quadro, o estudo sobre o desenvolvimento da música na criança e sua influência no desenvolvimento infantil já é objeto de grandes discussões dando força para essa área que parece ainda tão tímida.

Mas não é somente em função dos benefícios trazidos pelo aprendizado musical que justifica-se a presença da música na escola. Pensando em

primeiro lugar que o papel da escola em relação aos alunos é de dar acesso ao saber e às diversas formas de conhecimento - isto é, segundo Penna (1995), dar acesso à cultura, entendendo cultura como a produção coletiva de uma sociedade - seu papel em relação a música também, é de oferecer às crianças o conhecimento da cultura produzida e, a partir disso, criar instrumentos para a percepção das obras, permitindo sua compreensão, proporcionando o despertar do gosto e prazer em relação as obras musicais.

Dentro disso é que foi colocado a importância da música erudita como um patrimônio da humanidade a ser usufruído pelos indivíduos. Sua importância foi caracterizada desde sua beleza, até o seu significado assumido na atualidade.

A musicalização é um meio importante de se trabalhar a música erudita, pois não está preocupada em trabalhar a música em seus aspectos técnicos e sim permitir uma vivência criando condições para que a criança possa avaliar, interpretar, para que possa compreender a obra.

As entrevistas foram de grande contribuição, pois além de enfatizar aquilo que havia sido discutido, trouxeram aspectos que não foram encontrados na pesquisa bibliográfica realizada.

Todos os professores se manifestaram a favor da presença da música erudita na escola, relatando como fator importante de conhecimento e acesso à cultura socialmente produzida. O significado que estas obras tiveram no passado e sua perpetuação através dos tempos endossa a opinião dos entrevistados, que ressaltaram também a riqueza do aprendizado que a estrutura da música erudita traria para as crianças enquanto conhecimento musical.

O ponto inovador encontrado na fala dos professores foi como a prática deveria se dar em sala de aula para viabilizar este ensino, acabando com uma visão muitas vezes imaginadas pelas crianças quando se vêem diante da música erudita: uma música localizada num tempo histórico distante e, por isso, fora da sua realidade.

Uma visão certamente equivocada na medida em que esta assume significado na atualidade, pois é capaz de traduzir o que expressa em

sentimentos atuais na medida em que foi feita por homens, que falam de suas vidas como um todo e por isso sempre ganha significado pois fala do próprio homem e da vida e não de aspectos que não estejam relacionados a isto.

Além disso, a importância da obra erudita não pode permitir que ela seja interpretada como algo difícil de se ter o acesso e compreensão, como é visto por muitas pessoas. Em muitos casos, a distância é estabelecida pelas próprias pessoas que estão encarregadas de trabalhar com este tipo de música.

Para trabalhar de forma a acabar com esta visão, foi proposto pelos entrevistados que as crianças possam vivenciar a música e a partindo da realidade do próprio aluno para que as devidas interpretações sejam feitas. Usar seu corpo, os elementos de seu cotidiano para que a música possa aos poucos assumir significado e interesse em suas vidas. Desta forma, termina o distanciamento, pois a partir do momento em que assumiu significado na vida real dos alunos, deixa automaticamente de ser "antiga" e impossível de ser compreendida.

A importância da obra erudita na escola ganha significado na medida em que o caráter mitificado em torno dela que a vê como coisa do passado, compreensão de difícil acesso, irrelevância no desenvolvimento infantil e obra sem interesse cultural por parte do público escolar perde o sentido, fazendo dela o que realmente significa: um bem cultural que pode e deve ser usufruído por todos.

Considerações finais

A partir das colocações apresentadas, pudemos realizar uma análise sobre a presença da música erudita nas escolas. Destacamos muitos pontos pertinentes à questão, demonstrando sob alguns prismas, como os da bibliografia apresentada e o relato dos professores, a influência e a importância deste ensino nas escolas.

Não pretendemos esgotar o tema, pois existem outras formas de abordá-lo, como através de outros ângulos que poderiam também trazer novas discussões sobre o assunto.

Assim, outras formas de analisar a questão seriam bastante pertinentes como por exemplo:

- um trabalho que pudesse observar a prática do ensino de música erudita em sala de aula;
- buscar a perspectiva dos alunos em relação à este ensino;
- observar as produções e resultados obtidos com a musicalização do erudito;
- analisar o discurso da escola diante desta questão, entre outros.

Essas análises, contribuiriam para que a problemática fosse cada vez mais esclarecida permitindo a conquista de seu espaço em sala de aula, o que seria muito importante nos caminhos a serem traçados na educação musical e também para o ensino de música erudita na escola regular.

Bibliografia

DILLON, Donald W. *Music is academic fundamental*, in The school administrator, vo.I. 39 n° 9, 10/ 1982.

FERNANDES, José Nunes. *Oficinas de música no Brasil*. RJ: Papéis e Cópias, 1997.

GOLDEMBERG, Ricardo. *Educação musical: a experiência do canto orfeônico no Brasil*, in Pró-Posições Vol.6, 1995.

GONÇALVES, Lilia N. *O desenvolvimento musical na infância*, in Música Hoje, Revista de pesquisa musical, n°4, EMUFMG, 1997.

GONÇALVES, M.I.D. *A música, uma alternativa da educação na reconquista do homem*. Dissertação de mestrado, UNB-FE, Brasília, 1994.

Jornal Folha de São Paulo. *Aprendizado deve começar a partir do nascimento*. Caderno Cotidiano, 02/02/98

Jornal Estado de São Paulo. *Nos embalos das notas musicais*. Caderno Suplemento Feminino, 27/07/97.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, M.E.D. *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. EPU: 1986.

MARTINS, Joel. *A pesquisa qualitativa*, in Metodologia da pesquisa educacional. SP: Cortez, 1991.

MÁXIMO, Maria Rosa e NOGUEIRA, Sílvia. *A música no processo de alfabetização*. mimeo, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Parâmetros Curriculares Nacionais* – Arte. Brasília: Secretaria do ensino fundamental, 1997.

PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. SP: Loyola, 1990.

PENNA, Maura. *O papel da arte na educação básica*, in Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: Universitária, 1995.

PERPÉTUO, Irineu Franco. *Primeiro Movimento*, in Revista Educação, 11/ 1997.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* 2.ed. SP: Cortez, 1994.

TAME, David. *O poder oculto da música*. SP: Cultrix, 1984.

YOLANDA, Regina. *Artes na escola primária*. Ao livro técnico S.A: 1967.

|
|

|